

Rita Lee lança o sétimo disco com Roberto e critica o rock

A roqueira assume seu lado pop

HELOÍSA ETERNA

Agora é para valer. Deixe o take rolar. Ou melhor, deixe as dez músicas de "Flerte fatal" entrarem pelos seus ouvidos e conquistarem ou não sua simpatia. Trata-se do sétimo LP da dupla Rita Lee e Roberto de Carvalho, que a partir de hoje estarão ocupando de vez o espaço aberto por "Pega rapaz", carro-chefe do disco, que vem tocando a mais de um mês nas rádios de todo o País.

É o lançamento nacional de um trabalho que certamente não escapará de críticas mais exigentes, mas que também mostrará ter um pouco da cara dos discos anteriores. Rita, em entrevista convocada no Hilton Hotel, pela EMI-Odeon, espera por elas, mas de "cara virada".

— As pessoas nunca ficam realmente satisfeitas. É até natural. Mas, agora, com quase quarenta anos (em 31/12/1988) na cara, não dou mais bola para isso — diz serenamente.

Rita acha absurdo o fato de as pessoas exigirem um trabalho de fundo, político ideológico, algo a exemplo do disco "Rita e Roberto", que embora tenha grandes qualidades, não foi bem em vendagem e execução, mas que deixou às claras o lado transparente da cantora. Transparência acentuada em músicas como "Não titia, eu não estou com leucemia" ou "Noviças do vício". O disco foi classificado de dark pelo conteúdo mordaz das letras:

— Já fui noviça do vício. No disco eu estava jogando abertamente com a minha vida. Estava tudo ali, à mostra. Cada momento difícil poetizado em um tom azedo, triste. Eu estava mal. Meu pai havia morrido, sem falar na perda de grandes amigos, como a Elis. Pensam que é fácil? Na época foi uma barra, bicho. Estava em um processo de desintoxicação total.

Rita e Roberto estão estreando em uma nova gravadora (EMI-Odeon), depois de um longo casamento com a Sigla/Som Livre. A exemplo do que aconteceu quando lançou o disco anterior, o casal não se deixou manipular pelos caprichos da gravadora, embora esta tenha sido uma união batizada pela água benta da democracia.

— Em "Rita e Roberto" impusemos nossa vontades. O disco saiu do jeito que queríamos, não atendendo ao apelo comercial que é sempre exigido pelas gravadoras. Já em "Flerte fatal", voltamos a fazer cinema. "Pega rapaz", por exemplo, tem uma pitada de "Mania de você", de "Lança perfume". Um pouco de cada trabalho nosso, mas com a consciência de que não estamos fazendo repetição. "Pega rapaz", inclusive, é uma música antiga, da época de "Lança perfume" (1980). Apenas hesitamos em colocá-la em outros discos. É uma simples questão de estilo, o que mais traduz o trabalho da gente. Embora a preferência seja "Brasix", verdadeira tradução do Brasil de hoje. Essa música tem um lado muito novo. Não dava para ser carro-chefe, pois as pessoas estranhariam.

Rita faz um rápido paralelo entre a época áurea dos Mutantes e a atual, consciente de que seu trabalho evoluiu:

— Foi a época de ouro do tropicalismo.

lismo. Momento de ruptura com tudo aquilo que achávamos errado. Naquela época sim, fazíamos rock. Atualmente a música do casal pode ser classificada de pop. Agora quanto ao rock que essa turma faz hoje, é um rock de boutique, descartável. Mais fácil de ser comercializado, atendendo ao esquema das gravadoras. É uma verdadeira anfetamina de sonolência. O movimento mais rock é o punk, que é revolucionário. O Brasil tem cara de punk, com coisas boas e ruins mescladas. A música punk é fiel a essa realidade. Hoje em dia é mais fácil o médico ser revolucionário, que um roqueiro. Da vontade de ouvir só João Gilberto e Tom Jobim.

Mas existem excessões. Rita admira o trabalho executado pelos Titãs, "um grupo democrático, sem líder. Não tem ninguém puxando o tapete do outro. Não tem nenhum músico problema". Mas, por falar de músico problema, Rita não seria um calo para Roberto por se destacar na função de vocalista? Ela acredita que nem um, nem outro, seja um fardo na relação profissional, que faz questão de manter em harmonia:

— O Roberto é um ótimo compositor, arranjador, produtor. Antes do Roberto, na época dos Mutantes, eu era um tanto pré-histórica. Ele trouxe riqueza sonora, latimidade às nossas músicas. Foi com ele que consegui fazer bossa-nova. Com os Mutantes e com o Tutti Frutti não consegui esse resultado. Era rock, rock, rock. O Roberto é responsável direto de setenta por cento desse nosso trabalho. As pessoas sentem muito ciúme dele comigo. Mas eu entendo que é porque eu vim antes. Acha que ele roubou a Rita Lee, desconhecendo o grande profissional que existe dentro dele. No momento,

está fazendo a trilha sonora do filme "Fogo e paixão" de Isay Weinfeld, esperando oportunidade de ter o seu synclavier, um instrumento musical que pode fazer tudo em estúdio. Custa US\$ 50 mil e pode até tirar o emprego do músico de tão revolucionário.

Bem, isto é Rita Lee. Com 10 quilos a mais do que em 1983, época em que excursionou pela última vez fazendo shows, e feliz com os comentários surgidos pela exposição de sua forma exibida na foto da contracapa do disco, a cantora só lamenta ter que deixar de lado o trabalho de disc-jôquei no programa "Rádio Amador":

— Algumas rádios chegaram a parar de tocar as minhas músicas por eu estar apresentando um programa em uma concorrente.

Mas Rita tem a consciência tranquila de quem sabe que está fazendo o que quer. Em breve lançará o seu segundo livro infantil, "Doutor Alex e os reis de Angra", e no final do ano começa a gravar o filme "Como a lua". "Flerte fatal", produzido ao custo de C\$ 2 milhões e já com 500 mil cópias vendidas, estará nas lojas apenas no dia 20, mas a partir de hoje as rádios já tocam "Brasix", "Flerte fatal", "Pega rapaz", "Blue moon", "Bwana, Bwana", "Me recuso", "Xuxuzinho" e "Pícola Mariana".



Rita Lee, quase quarentona, acha que Roberto deu profundidade à sua música

Crítica 'Flerte Total'

Para os barrados no baile

MAURO DIAS

Se ironia pagasse *royalty*, Rita Lee podia, desde já, comprar sua ilha para ficar o resto da vida tomando banho de sol: "Flerte fatal" é uma grande gozação em 10 movimentos — 10 faixas — e nada poupa.

Partindo do instrumental de base *techno*, moderninho, sai misturando elementos numa salada que resulta na caricatura do *rockabilly*, do próprio *techno*, da linguagem *politizada* do rock atual e, sem derrapar nas curvas da estrada de Santos, declara tudo incoerente. Até mesmo a si própria.

O disco pressupõe um clip com arcos de luz, escadas *kitsch* hollywoodianas (daquelas que eram montadas nos primeiros tempos da TV brasileira) e um grupo de *tubby boys*, com seus terminhos rebrilhantes de lape-las negras, estalando os dedos e mexendo as pernas para fazer o *coro*. Todos eles, naturalmente, usando um *pega-rapaz* — expressão, por sinal, aproveitada como título da música que abre o lado B.

O disco anterior (que tem "Noviças do vício" e outras contundências) foi chamado de *dark*, depressivo, proclamado "prá baixo". O troco está aí. *Light* até dizer chega. Roquinhos para quem foi barrado no baile.

Mas há um perigo, sério perigo. Ouvido por faixas isoladas, pode parecer um *flerte fatal* com a tola bre-

jeirice engraçadinha. Pois o disco só pode ser entendido se ouvido inteiro, da primeira à última faixa, na ordem exata em que as músicas foram alinhadas.

E o ouvinte deverá estar atento aos "toques", como o de "Me recuso": "Brinque de ser sério/e leve a sério a brincadeira".

Frase-chave. Como janela escancarada é todo o "Brasix muamba", Rita e Roberto: "Viva Braxix/colônia, feudo, quintal/elite rastaquêra/baleias, botos, SOS animal/Viva Brasix/where the nuts come from/mãe gentil e fecunda/roquenrou, futebol e carnaval/bandas, bolas e bundas/Brasix muamba". É a faixa de abertura. As outras são ilustração do amargo explícito acima.

Pulsantes, dançantes ilustrações. Que levam Rita Lee ao risco do extremo oposto do trabalho anterior: era sério demais. Agora é levianamente leve.

Cita Beatles e Cely Campello a cada instante. Remete aos 60, numa falsa inocência que, distraidamente, pode perder o qualificativo — falsa. Recorre ao *techno* para acentuar a ironia, mas pode soar superficial. Como uma brincadeira de João Penca.

Mas Rita aceitou correr o risco. Em todo o caso, é corajosa. Marca registrada, por sinal. Ovelha negra, ainda. Nadando contra a corrente. Vejamos como será entendida.

Zelito nega a dívida com os índios rikkbatsa

Semente da vingança floresce

Ao filmar "Avaeté, a semente da vingança", o produtor-diretor Zelito Viana pretendia, entre outras coisas, denunciar a violência da exploração sofrida pelos índios brasileiros. O filme foi bem recebido pela crítica, ganhou prêmios e segue uma boa carreira comercial, como esperava o seu realizador. O que Zelito nunca imaginou é que um dia viesse a ser interpelado judicialmente por aqueles a quem ele se dispunha a ajudar: os próprios índios.

E foi com surpresa que ele recebeu a notícia que a Funai havia entrado com uma ação ordinária de cobrança contra a Produções Cinematográficas Mapa Ltda, pelo não pagamento de direitos autorais aos índios que participaram de "Avaeté". Como não bastasse, o Presidente da Funai, Romero Juca Filho, anunciou que o filme será apreendido caso os índios rikkbatsa não recebam C\$ 535.420,00, além do pagamento de cinco por cento dos rendimentos já auferidos nos contratos de exibição.

Em nota divulgada pelo Ministério do Interior, a Funai explica que, após tentar resolver a questão "de maneira amigável" com a produtora do filme, decidiu apelar à Justiça por ter sido pressionado pelos próprios índios, que solicitaram providências da entidade. Zelito, por sua vez, ficou indignado ao saber da acusação:

— E mentira da Funai. Paguei aos que trabalharam na produção de "Avaeté", índios ou brancos, rigorosamente dentro da tabela do Sindicato de Artistas e Técnicos. Empreguei membros da tribo rikkbatsa como motoristas, assistentes de produção e figurantes, e todos receberam normalmente. Tenho recibos assinados pelo Cacique Roque — afirma.

O filme, inspirado no episódio real do massacre de uma tribo de Cintas Largas em 1963, no Mato Grosso, começou a ser filmado em 1984, na região de Fontanilha, no mesmo Estado. Foram seis semanas de locações na selva, contando com a participa-

ção dos índios rikkbatsa. Depois as filmagens seguiram em São Paulo, contanto a história do menino Avá (Macsuara Kadwel), único sobrevivente do massacre e que cresce sob a proteção de Ramiro (Hugo Carvaha), cozinheiro da expedição responsável pelo ataque, que fica traumatizado com a missão em que participou sem saber o objetivo.

Entre as acusações agora levantadas pela Funai, está a de que "o filme foi feito de forma totalmente ilegal". Além disso, segundo o Procurador Geral do órgão, Ronaldo Montenegro, os pagamentos que a produtora diz ter feito aos índios "nem simbólicos podem ser considerados. Parece mais brincadeira de mau gosto ou piada de humor negro. A maioria dos índios recebeu brindes sem valor ou roupas usadas".

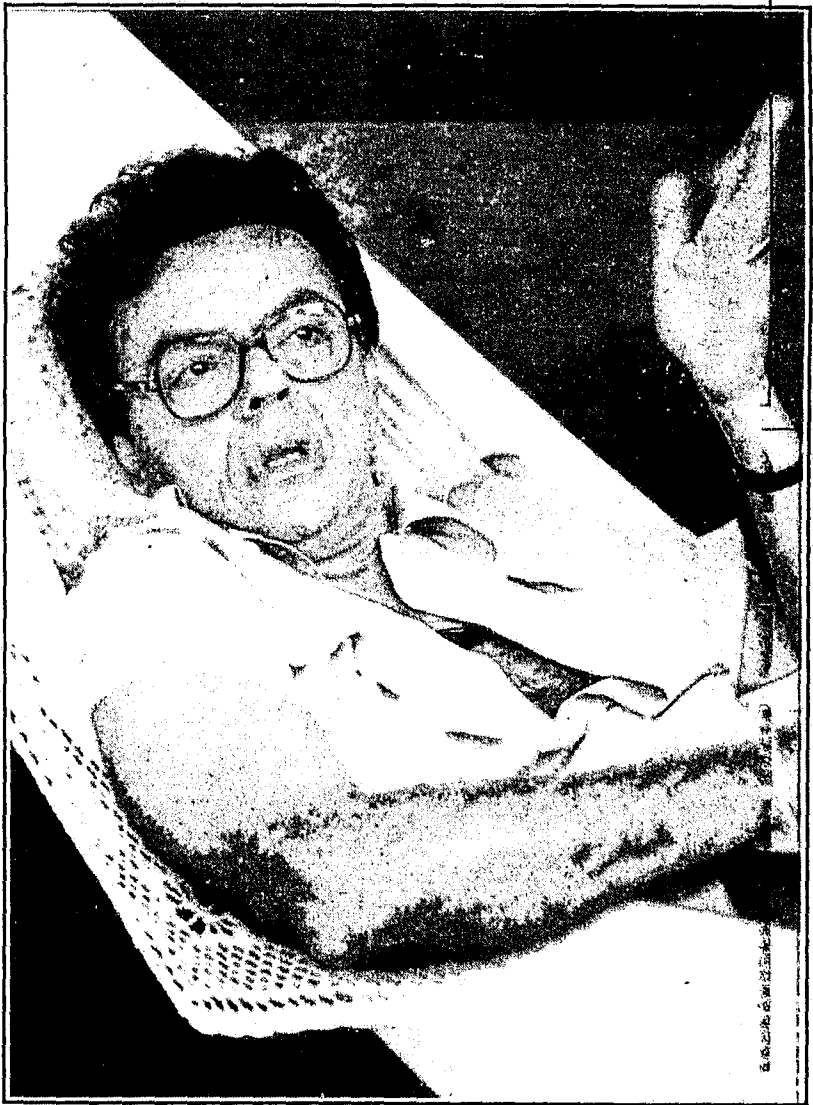
Zelito, no entanto, não se abala. Afirma que o "os brindes sem valor a que a Funai se refere foram um motor de popa, um vídeo-cassete, 600 quilos de pólvora e tudo mais que sobrou das filmagens". O único ponto que ele não contesta é quanto à ilegalidade das filmagens, e explica:

— Segundo o conceito deles de legalidade, foi sim. Escolhi os rikkbatsa exatamente por estarem fora do âmbito de atuação da Funai. Não há posto lá. Isso me possibilitou tratar diretamente com os índios, sem a intervenção policial da Funai. Discordo inteiramente da lei que considera o índio incapaz.

O cineasta, no entanto, estranhou a afirmativa de que as reclamações partiram de integrantes da reserva indígena, e acha que a Fundação "deve ter arrumado alguns índios que nem sabiam bem do que se tratava". Ele esteve na tribo há dois meses, passou o filme para os índios e diz que "eles gostaram demais".

— Fui muito bem recebido — conta Zelito, que ao embarcar para Cannes, na sexta-feira, declarava-se des-

preocupado.



O diretor Zelito Viana, na rede, rebate acusações da Funai e desmente dívida

A didática que o mar traz

Fios de nylon, tecidos reunidos com gesso. Cascas de sementes de jatroba, fibras vegetais, areia, madeiras de barcos, esculturas. Molduras, janelas de barcos e, no plano interno do quadro, a pintura, criada a partir da própria matéria descascada da madeira, corroida pela areia e mar. Cordas de barcos, esculturas com ténis e sapatos femininos, encontrados às dúzias na praia. Sucata.

Isso são pinturas e esculturas, colagens e assemblages. É a exposição "Entre o mar e o mato", com 25 obras de André Cira que será inaugurada às 21 horas hoje na Galeria Jean Boghici. Francês da cidade de Pau, diplomata de carreira e Cônsul da França no Rio, André Cira é também pintor e escultor autodidata, e faz agora sua primeira exposição no Brasil, reunindo trabalhos produzidos entre 1985 e 1987 na praia de Búzios.

— Usando os materiais ao meu redor, procuro reconstituir minha visão do espaço, trabalhar a praia de Búzios, o limite intermediário entre os elementos. O mato chega à praia com a descida da maré e deixa os sinais de sua passagem.

Antes da diplomacia, Cira fazia em Paris desenhos e nanquim, pinturas geométricas de construção rítmica.

Nas suas peregrinações pelo mundo continuou trabalhando, mas mudou sua obra, passando a criar a partir das características locais. Começou no México, com trabalhos de caráter ambiental, utilizando caixas de papelão. Aqui descobriu o mar, em sua casa de Búzios.

"Aproveito o trabalho do sal e areia", explica ele. Areia fazendo o fundo dos quadros, colada junto com pequenos pedaços de tinta, descascados pacientemente dos cascos de barcos em reforma, cordas, borracha, isopor. Matéria em estado bruto, descobertas do acaso, que criam totem, máscaras, estruturas que parecem letras, construções abstratas, pequenas colagens.

— De qualquer forma, mesmo trabalhando o próprio ambiente onde vivo, as composições são ainda geométricas, e muito rigorosas, como nos tempos de Paris. Definida uma forma, escolhida uma cor, uma linha, todo o resto segue o trajeto definido, e inevitável.

Assim, cria um trabalho que é Búzios, é Arraial, tocado pelo silêncio que permite o ritmo do artista. Só trabalha na praia, precisa da distância da cidade. Mas, se o material define, é o artista que escolhe, como diz Jean Boghici: "destroços ou n-

mar leva e o mar traz seriam eternamente polidos pelas ondas até transformarem-se em matéria inorgânica se não fosse a mão do artista que parasse o louco artesanato da natureza.

Ao lado das composições, pinturas e objetos, André Cira faz também fotos, por hora guardadas para um futuro livro. Mas enquanto não vai para os livros, a praia de Búzios está na Rua Joana Angélica 180, Ipanema, desta terça até o dia 30 de maio, e pode ser visitada de segunda a sexta-feira, das 14 às 21 horas.

Entre os trabalhos, esculturas feitas de restos de barcos



O artista plástico André Cira inaugura hoje a mostra 'Entre o mar e o mato'. Cira, Cônsul da França no Rio, retira sucatas da natureza para reordená-las sob a forma de pinturas, esculturas e colagens



As pinturas de Cira são criadas a partir da madeira descascada